

POLÍTICA ECONÔMICA

Aumento da taxa básica de juros pelo Banco Central era inevitável, comentaram técnicos do Fundo Monetário Internacional. Eles gostaram da redução de R\$ 26,7 bilhões na dívida pública, anunciada pelo governo federal

FMI apóia decisão do BC

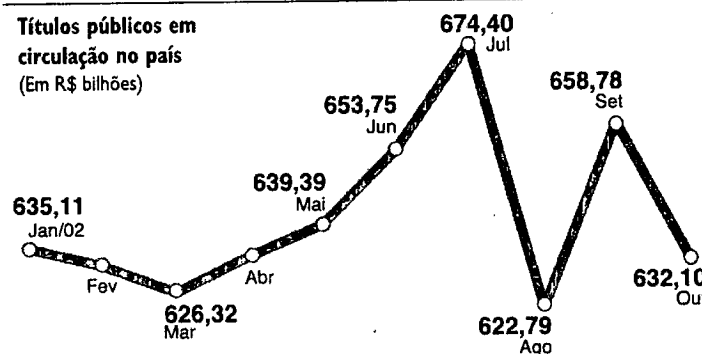
Fernanda Nardelli
Da equipe do Correio

O Fundo Monetário Internacional (FMI) apoiou a decisão do Comitê de Política Monetária de elevar a taxa básica de juros para conter o aumento da inflação em 2003. Segundo técnicos do FMI, a disparada dos preços no Brasil é preocupante e, por isso, a mudança da taxa Selic de 21% para 22% ao ano era uma medida esperada pela instituição. Os integrantes do Fundo contavam com a autonomia do BC para elevar os juros e evitar uma explosão inflacionária no primeiro ano de mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

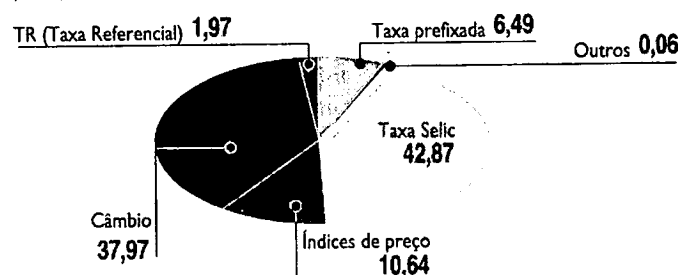
A missão do FMI, que está no Brasil desde a semana passada para a primeira avaliação do acordo firmado em agosto com o governo brasileiro, demonstrou por várias vezes preocupação com a disparada da inflação por causa do brutal aumento do dólar. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), usado para o sistema de metas de inflação do país, está em 6,98% (valor acumulado de janeiro a outubro). A meta inflacionária para 2002 era de 3,5%, podendo oscilar dois pontos percentuais para cima ou para baixo. As estimativas de inflação para o ano que vem já estão em 9,81% ante uma meta de 4%.

DÍVIDA DO GOVERNO

Títulos públicos em circulação no país
(Em R\$ bilhões)



Principais indexadores da dívida
(Em %)



Ontem a equipe do Fundo, chefiada pelo argentino Jorge Marquez-Ruarte, teve o último encontro com o ministro da Fazenda, Pedro Malan. O presidente do Banco Central, Arminio Fraga, também participou da conversa. Malan e Arminio viajaram à tarde para Nova Delhi, onde vai acontecer a reunião de ministros da Fazenda e presidentes de bancos centrais dos países que participam do G-20, grupo que reúne as 20 nações

mais ricas do mundo. A equipe do FMI continua no Brasil, provavelmente até amanhã. "Já tivemos discussões muito boas, mas vamos continuar trabalhando mais uns dias", afirmou Ruarte. Depois do encontro no Ministério da Fazenda, a missão ficou reunida no escritório do FMI em Brasília.

Ao sair do ministério, o diretor-assistente do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo, Lorenzo Perez, destacou

os pontos em comum entre o programa do futuro governo Lula e as diretrizes do FMI: combate à inflação e manutenção de uma rígida política fiscal. Na terça-feira, a missão se encontrou com representantes do PT e definiu a reunião como "muito construtiva". As afinidades com as linhas do governo petista são tamanhas, que o diretor-gerente do FMI, Horst Köhler, reforçou o desejo de se encontrar com o presidente eleito ainda antes de sua posse.

Lula afirmou ontem, por meio de seu porta-voz, André Singer, que o encontro com Köhler não está confirmado. Mas é apenas um problema de agenda. No dia 10 de dezembro — data provável para a vinda de Köhler ao Brasil —, Lula estará nos Estados Unidos com o presidente George W. Bush. O diretor gerente do Fundo declarou que não se importa em mudar a data do encontro com o petista. Só faz questão de realizá-lo.

INDEXAÇÃO AO DÓLAR

A dívida pública, que também foi motivo de preocupação para a missão do FMI, registrou queda em outubro. Os números consolidados serão divulgados pelo Banco Central na próxima semana. Ontem, porém, o Tesouro Nacional divulgou dados mostrando que

o estoque da dívida mobiliária (títulos em poder do mercado e na carteira do Banco Central) caiu de R\$ 658,78 bilhões em setembro para R\$ 632,10 bilhões no mês passado. Foi um recuo de 4,05% (R\$ 26,7 bilhões) no estoque, consequência da queda da cotação do dólar (6,42% no mês) e do resgate de R\$ 27,1 bilhões em títulos. Em outubro, o governo emitiu R\$ 19,5 bilhões em títulos da dívida, mas recomprou R\$ 46,7 bilhões.

O comportamento do câmbio faz com que a dívida pública aumente ou diminua de um mês para outro. Para cada ponto percentual a mais, a dívida cresce 0,27% do Produto Interno Bruto (PIB) por ano. Se os juros continuarem subindo, a dívida também crescerá. A decisão de ontem do Copom, por exemplo, aumentou a dívida pública em, aproximadamente, R\$ 3,2 bilhões num espaço de 12 meses.

FUNDO IRONIZADO

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez, por meio do porta-voz André Singer, um comentário irônico sobre o elogio do Fundo Monetário Internacional à política econômica do futuro governo. Na terça-feira, o diretor-assistente do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo, Lorenzo Perez, afirmou que as políticas econômicas propostas pelo governo Lula são "prudentes e apropriadas." Singer respondeu: "O presidente afirmou que é uma pena que o FMI só tenha percebido isso agora. Essas propostas estavam definidas desde o período da campanha."